

# Mulheres Kaingang e seu saber-fazer artesanal: a interrelação entre cosmologia e conhecimento

## *Kaingang Women and their-knowledge to do through handicraft: the interrelation between cosmology and knowledge*

Eliana Piaia<sup>1</sup>

Joseane Carine Wedig<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v21i45.755>

**Resumo:** Este artigo analisa os processos de criação do artesanato de mulheres Kaingang da Terra Indígena de Mangueirinha/Paraná. Pelo artesanato são expressas a cosmologia, as resistências e a transmissão de conhecimentos para as gerações mais jovens. A pesquisa foi realizada através do método etnográfico, com observação participante, entrevistas abertas e registros sistemáticos em diário de campo. As narrativas das mulheres Kaingang sobre seus artesanatos denunciam o desmatamento que faz com que fiquem escassos os materiais para a sua elaboração, seus alimentos e os remédios tradicionais. Elas relatam a diminuição do número de artesãos Kaingang em razão da captura que ocorre para o trabalho industrial, principalmente em frigoríficos. Além disso, elas reivindicam o acesso a espaços para a venda de seus artesanatos em municípios da região e denunciam as violências que os coletivos indígenas enfrentam em termos de genocídio e epistemicídio.

**Palavras-chave:** mulheres Kaingang; artesanato; cosmologia; conhecimento.

**Abstract:** This article analyzes the creation processes of Kaingang women handicrafts from the Indigenous Land of Mangueirinha / Paraná. Through crafts, cosmology, resistance and the transmission of knowledge to younger generations are expressed. The research was carried out through the ethnographic method, with participant observation, open interviews and systematic records in a field diary. The Kaingang women's narratives about their handicrafts denounce the deforestation that makes the materials for their elaboration, their food and traditional remedies scarce. They report the decrease in the number of Kaingang artisans due to the capture that occurs for industrial work, mainly in slaughterhouses. In addition, they demand access to spaces for the sale of their handicrafts in municipalities in the region and

---

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, Paraná, Brasil.

denounce the violence that indigenous collectives face in terms of genocide and epistemicide.

**Keywords:** Kaingang women; crafts; cosmology; knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos a relação da cosmologia Kaingang, a partir do saber-fazer artesanal realizado, fundamentalmente, pelas mulheres desse coletivo na Terra Indígena (TI) de Mangueirinha, localizada na região Sudoeste do estado do Paraná. A TI de Mangueirinha é composta por 1.195 pessoas<sup>2</sup>, conforme o censo demográfico de 2010. O coletivo Kaingang é da família do Jê – Tronco linguístico Macro Jê, cuja origem é de aproximadamente 3.000 anos A.P (Antes do Presente), entre os rios São Francisco e Tocantins. O território Kaingang está “em um ecossistema de Floresta Ombrófila Mista – Floresta com Araucária” (ROSA; FREITAS, 2015, p. 251). Porém, desde o avanço da colonização na região, mais especificamente a partir do século XX, a floresta passou a ser degradada, o que vem ecoando nas vozes das mulheres que são partícipes desta pesquisa. Conforme Freitas (2005, p. 16), “deve-se reconhecer que as dinâmicas das territorialidades Kaingang não estão confinadas ou reclusas aos espaços das terras indígenas reconhecidas pelo Estado”, extravasando esses “limites arbitrários” e reconhecendo “que seus territórios possuem dimensões mais amplas”.

Esta pesquisa se iniciou no ano de 2017, quando a primeira autora do artigo passou a atuar, enquanto profissional da área de assistência social, naquele território. Dessa aproximação profissional, construíram-se vínculos com as mulheres Kaingang, que transcendem os atendimentos estanques das políticas sociais, permitindo que os saberes e as práticas comuniquem perspectivas distintas. A partir desse período, estabeleceu-se um diálogo constante com essas mulheres, despertando a intenção de escrever, com elas, sobre seus conhecimentos – o que resultou na entrada no mestrado interdisciplinar em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com orientação da segunda autora deste artigo.

---

<sup>2</sup> Portal Kaingang. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/index\\_povo\\_1default.htm](http://www.portalkaingang.org/index_povo_1default.htm). Acesso em: 25 jun. 2019.

A etnografia foi adotada enquanto método de pesquisa – com observação participante, entrevistas abertas e registros sistemáticos em diário de campo –, que nos permitiu compreender a/o arte/artesanato como um instrumento comunicador que ocupa papel central na comunidade Kaingang e é tomada/o “como porta de entrada para pensar as relações diversas da vida Kaingang” (JAENISCH, 2010, p. 24). Portanto, a pesquisa foi construída seguindo as mulheres Kaingang em seu fazer artesanal, desde o processo de coleta das taquaras, da confecção dos artesanatos, de ouvir suas narrativas sobre os preconceitos que enfrentam na região, além de acompanhá-las nas vendas ou trocas de seus artefatos. É importante apontar que, para além dos territórios demarcados pelo Estado como Terra Indígena, a territorialidade Kaingang é marcada pela mobilidade constante, onde o transitar constitui suas múltiplas conexões com seus parentes indígenas e com os não indígenas.

Buscamos estabelecer uma construção colaborativa do conhecimento com elas, através da escuta atenta e do “[...] exercício de uma ética que reconhece a diferença como valor pautando as relações, a mediação e o diálogo neste momento da experiência” (VERGUEIRO; MELLO; PIRES, 2015, p. 55). Essas interlocutoras ecoam as vozes cosmológicas da mata, denunciando o intenso desmatamento em suas terras, provocado, principalmente, por proprietários de terras que vivem próximos à Terra Indígena, provocando a escassez dos materiais para o artesanato, de seus alimentos e de seus remédios. Elas relatam que, nos últimos anos, houve a redução de artesãs/artesãos Kaingang, o que está associado ao recrutamento para trabalhar nas indústrias da região e de outros estados, fundamentalmente, dos homens.

Narram, ainda, as violências cometidas por algumas administrações municipais contra as suas permanências nas cidades para a comercialização do artesanato, não permitindo expô-lo nos espaços públicos, demonstrando como se perpetuam as práticas governamentais higienistas e eurocêntricas, que tratam como inconveniente a presença desse saber ancestral e das pessoas que o possuem. Nesse sentido, no ano de 2019, elas, conjuntamente com a liderança, solicitaram ao Ministério Público uma intervenção para garantir a viabilidade para circularem livremente pelas cidades, venderem e trocaram seus artesanatos.

Entendemos que o uso do termo artesanato é uma redução drástica do que são os artefatos criados pelas mulheres Kaingang, constituindo-se em uma

nomeação euro referenciada, que precisa ser problematizada (BAPTISTA DA SILVA, 2013). Nessa criação, há toda uma relação com a mata, onde se coletam as matérias que irão compor os objetos e que “[...] integram um complexo sistema que articula cidade e floresta pela mediação da cultura Kaingang” (FREITAS, 2014, p. 67). Nesse território, estabelecem-se relações com “inúmeras alteridades extra-humanas que possuem vontades, propriedades imateriais, e com as quais é possível relacionar-se”, constituindo relações “imprescindíveis para a manutenção de seus corpos e pessoas”, em que “os ‘objetos’ possuem agência” (BAPTISTA DA SILVA, 2013, p. 45; 48). Por isso, “a noção de objeto” não pode ser “lida enquanto ser inerte, mas como um objeto-sujeito, um atuante” (JAENISCH, 2010, p. 42). Portanto, os objetos de arte/artesanato Kaingang mobilizam cosmologicamente o modo de existência Kaingang e agenciam esta pesquisa.

A produção da/do arte/artesanato está associada ao conhecimento, ao saber-fazer, à relação com os coletivos extra-humanos, em específico, pela sabedoria que emana da mata e que engendra todo o cosmo. O território, que é seiva da vida desse coletivo, é também um espaço biofísico e epistêmico das múltiplas interrelações, “onde a vida se atualiza de acordo com uma ontologia particular, onde a vida se faz ‘mundo’, compondo as ‘ontologias relacionais” (ESCOBAR, 2017, p. 13).

As mulheres Kaingang denunciam o processo sócio históricos de ocultamento de seus saberes e de seus modos de vida. Elas estabelecem (r)existências frente ao genocídio e epistemicídio, em que seu saber-fazer artesanal mantém vivas as relações entre humanos e não humanos, constituindo seus territórios e corpos. Na análise que segue, demonstramos como as mulheres Kaingang têm ecoado, através de seus conhecimentos cosmo ontológicos, suas preocupações com as atuais condições da continuidade de seus modos de vida e da garantia de circularem pelos territórios, para além da terra indígena.

## **2 TERRITÓRIO E COSMOLOGIA KAIKANG**

A invisibilidade dos povos indígenas no país se naturalizou nas relações sociais e de poder durante os últimos 500 anos em que se construiu a historicidade e a hierarquia dos espaços de fala (DESCOLA, 2016). Esses são efeitos do colonialismo, sendo que um de seus processos é ocultamento dos projetos indígenas,

sendo a esses, negado lugares na história e na contemporaneidade (CUSICANQUI, 2010). Em sentido semelhante, Davi Kopenawa (2015) expressa que o hoje é resultado dos processos históricos que deram sentido pejorativo aos povos indígenas, impondo-lhes pressões para que aderissem a práticas dos brancos. Ana Elisa Freitas e Eduardo Hardes (2018) pontuam que os processos hegemônicos que se infiltram nos territórios ameríndios provocam mudanças, complexificando as relações nesses territórios, visto que sobrepõem os espaços da vida com as regiões e fronteiras nacionais, com os sistemas agropecuários, com as cidades, com as estradas e com os projetos de desenvolvimento. Nesses territórios estão as marcas de pertencimento, grafadas em “diferentes suportes ambientais”, que extravasam os limites impostos pelo Estado-nação, o que possibilita que, mesmo distanciados por barreiras como as lavouras ou cidades, estabeleçam-se “fluxos de reciprocidade, definidos pelo trânsito de pessoas, objetos, conhecimentos, técnicas, recursos naturais, documentos etc.” (FREITAS, 2005, p. 331).

Como afirma Sérgio Baptista da Silva (2011), para os coletivos Kaingang e Guarani não há distinção entre humanos e não humanos, sociedade e natureza, para eles, aquilo que os ocidentais denominaram como recursos naturais são seres com os quais estabelecem relações de alteridade. Além de todo o conhecimento que possuem das plantas, existem também as “relações de incorporação dessas essências, desses seres da mata, que são incorporadas nesses corpos para que a pessoa se torne humana e que se componha em várias outras alteridades extra-humanas” (BAPTISTA DA SILVA, 2011 p. 187). Segundo Luiz Fernando Fagundes e João Maurício Farias (2011, p. 47), as práticas dos Kaingang estão, cosmologicamente, centralizadas na mata, onde ocorrem relações com outros seres que ali habitam, de onde nomes são dados, remédios e alimentos são extraídos, cipós, taquaras, cabaças, sementes e penas de animais são fornecidos para compor a produção da arte, que é objeto-sujeito e que possui agência. Ainda com relação a esses aspectos fundamentais da cosmologia Kaingang, remetemo-nos ao que pontua Rogério Rosa:

[...] a floresta e os seres que nela habitam aparecem enquanto um ponto nodal desse coletivo: no próprio vocábulo *Kanhgág* que significa “gente do mato”, nas marcas (metades) presentes nos animais e nas plantas, na etapa principal da formação do *kujà* neófito, nos espíritos animais e vegetais que cedem seus poderes e saberes aos *kujà*, no remédio do mato que gera o

bem-estar aos humanos, nos ensinamentos dos cantos e das danças dos “bichinhos” (o lagarto *kamě* e o mico *kanhru*) para a realização do Ritual do *Kiki* e nas narrativas mitológicas (macaco esperto e tigre tolo, dois sóis e origem da lua). Em resumo, o poder advém da floresta, atravessando a vida de todos não-humanos nesse território, expandindo-se em direção ao espaço limpo e à casa dos Kaingang, poder esse ordenado pelos *jagrě* e domesticados pelo *kujà*. (ROSA, 2014, p. 118-19).

Essa relação com a mata, seja para a coleta dos materiais para o artesanato ou demais relações xamânicas, fica comprometida/fragilizada a partir da apropriação de terras para projetos desenvolvimentistas, para plantações de lavouras de monoculturas e pecuária, que devastam a mata e as relações cosmo-ontológicas entre humanos e extra-humanos. Angelica Domingos Ninhpryg (2016, p. 26) afirma que as relações Kaingang com a mata, desde “a coleta do cipó ou taquara”, “o seu preparo”, “início de trança” e “confeção do artesanato”, são relações espirituais que dão sentido à vida e à existência. Para ela, “isso se difere da forma mecânica com que na sociedade envolvente” está alienada e produz. Essa compreensão é também corroborada por Davi Kopenawa (2015, p. 441), no contexto Yanomami, quando denuncia que os brancos “não têm mais amizade pela floresta” e pelos seres que nela habitam, “o que querem mesmo é derrubá-la, para engordar seu gado e arrancar tudo o que podem do seu chão”.

A cosmologia é a forma como cada coletivo experiência o cosmos, a cultura, as relações entre si e as percepções do mundo (BAPTISTA DA SILVA, 2011). Para Ana Elisa Freitas (2005, p. 338), as “concepções, práticas e relações ecológicas, cosmológicas, sociopolíticas e econômicas” podem ser visualizadas na relação dos Kaingang com a *Mrūr Jykre* (a cultura do cipó), associada à *vãn* (taquara), que são utilizados para produzirem objetos e a si mesmos. O cipó e a taquara compõem a “base territorial” e “o conjunto de espaços percorridos nos circuitos de manejo/coleta, fabricação e comercialização artesanal”. São, portanto, percursos e redes de comunicação que ultrapassam o que ocidentalmente se denomina como espaço geográfico.

Na TI de Mangueirinha, a *vãn* está cada vez mais longe das residências, em razão do aumento das lavouras de soja nesse território. Em uma das idas a campo, quando a primeira autora deste artigo acompanhou a colheita da taquara, as mulheres Kaingang apontaram para um conjunto de cuidados necessários nessa

relação: o corte deveria ser feito no período da lua minguante a fim de evitar o carunchamento<sup>3</sup> da *vãn* que será transformada em artesanato; o clima também deveria ser ameno, pois o calor excessivo atraía as cobras das quais elas têm medo. Ao adentrarem à mata, a escolha das taquaras foi minuciosa. Durante a colheita, as mulheres conversavam entre si apenas em língua Kaingang. Observamos que a relação delas com a taquara é de alteridade e de diálogo. Uma das mulheres artesãs levou sua filha de nove anos consigo, a qual ficou ao lado da pesquisadora/*fõg* o tempo todo, ensinando onde era o melhor lugar para cortar a taquara e dizendo que estava com medo de onça – diálogos que se deram em português. No entanto, quando ela se comunicava com a mãe e a tia, era sempre em Kaingang.

Nessa relação das mulheres Kaingang com as taquaras não se opera a separação dicotômica que marca as oposições binárias entre natureza e cultura, humanos e não humanos, sujeito e objeto, entre outras “sociocosmologias euro referenciadas” (BAPTISTA DA SILVA, 2013, p. 47). As observações cuidadosas sobre o período adequado para a coleta da *vãn* podem ser associadas ao zelo com o corpo Kaingang, como explicita Damiana Jaenisch:

[...] assim como um corpo adoece se estiver fraco, se a ele não forem dados os devidos cuidados, prescrições e restrições, também os objetos, se não fabricados segundo prescrevem os Kaingang (observando a lua na coleta, o tempo de descanso das fibras...) também estes terão seu período de vida diminuído. E, detrimento da beleza, a força e durabilidade são aos seus corpos e aos objetos. Mais que belos, os corpos e objetos precisam ser bons. (JAENISCH, 2010, p. 85).

Diante disso, a relação corpo e território pode ser aprendida ao seguir as mulheres na colheita das *vãns*, em que elas conversavam animadamente entre si e estabeleceram uma seleção cuidadosa das taquaras, considerando seu tamanho, grossura, cor, entre outros elementos não conhecidos por nós. As *vãns* foram cortadas e colocadas cuidadosamente ao lado da estrada.

Em uma das ocasiões de colheita, quando já havia um conjunto delas colhidas, ouvimos ao longe uma máquina agrícola, que ao se aproximar, passou por cima de algumas delas. O senhor que dirigia a máquina agrícola se voltou para

<sup>3</sup> Ataque que ocorre pelo inseto *Dinoderus minutus*, coleóptero da família Bostrichidae, (Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/256862/1/Silva\\_RodolfoGomesda\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/256862/1/Silva_RodolfoGomesda_M.pdf). Acesso em: 5 abr. 2020).

as mulheres e falou: “*Passei sobre as taquaras de vocês? Depois eu venho colher taquara para vocês*” (Paulo, 2018).

Nessa ação, observa-se um embate cosmo-ontológico, onde, de um lado está a relação das mulheres Kaingang com a mata e as *vãns* e, de outro, o avanço do agronegócio na terra indígena, a partir do plantio da monocultura de soja. A máquina agrícola é o símbolo do avanço dos monocultivos sobre a mata, situação demonstrada pela figura 1.

Figura 1 – O manejo das taquaras e o avanço da máquina agrícola



Fonte: Arquivo da primeira autora (2019).

Seguindo as mulheres em suas caminhadas para a coleta das taquaras é que podemos ver suas conexões com a mata e também os efeitos das mudanças ambientais na Terra Indígena. A mata é onde seus corpos se constroem e transformam-se, é o lugar das relações entre as alteridades que compõem o cosmos.

Entre as inúmeras violências que os Kaingang enfrentam na região, uma delas é a estigmatização de que *não trabalham*, que *são preguiçosos*. Sobre essa questão, a artesã Raquel Eufrásio<sup>4</sup> conta que em um dos momentos em que vendia artesanato, uma pessoa se dirigiu para ela e lhe disse: *vai trabalhar*, ao que ela responde: “*Mas nós estamos trabalhando, o artesanato é nosso trabalho*” (Raquel Eufrasio, 2018).

<sup>4</sup> A identificação dos nomes das mulheres Kaingang foi autorizado por elas.

Angelica Domingos Ninhpryg (2016, p. 24) enuncia que o modo de vida Kaingang se diferencia da concepção ocidental centrada no trabalho: “não que para os indígenas o trabalho não tenha sentido, mas são valores diferentes dos impostos pela sociedade capitalista, que compra a força de trabalho e a energia dos trabalhadores”.

As imposições da perspectiva ocidental e da violência sobre os corpos Kaingang também foi explicitada pela artesã Regina Ganhkag Pinheiro, a qual contou que em uma de suas idas para uma cidade vizinha, há aproximadamente nove anos, quando estava grávida e tinha um filho pequeno consigo, foi abordada por uma agente da prefeitura, que determinou que ela saísse da cidade e desejou, verbalmente, que o filho dela morresse. Hoje a mãe associa essa violência com o quadro de baixo desenvolvimento escolar do filho que a acompanhava e presenciou a violência: “*Acredito que foi por causa disso, nenhum outro filho meu é assim como este*” (Regina Ganhkag Pinheiro, 2019).

Esse relato denota a violência contra a mãe e o filho. A expulsão da cidade, sofrida por Regina, demonstra como o processo de branqueamento da região, enquanto um projeto de Estado de meados do século XX segue violando os direitos de existências dos povos indígenas.

A territorialidade Kaingang é permeada pela mobilidade, pelo transitar e pelo movimento (MARÉCHAL, 2015). As suas diferentes “eco-lógicas” demonstram como eles desenvolvem estratégias em cada território, onde seus saberes e fazeres são desenvolvidos e aprimorados conforme a dinâmica de cada ecossistemas, sendo que a organização sociopolítica media as relações (FREITAS, 2005). Nessa direção, esses territórios se constituem como espaços de (r)existência, de enfrentamento de violências e luta por direitos.

### **3 O SABER-FAZER ARTESANAL KAINGANG**

*O artesanato é o primeiro trabalho do índio, o índio morre, mas a cultura não.* (Delair Barbosa, 2018).

A fala de Delair Barbosa é fundamental para a compreensão do artesanato na vida dessas mulheres e de suas comunidades. Neste saber-fazer não há separação entre humano e extra-humanos. Ele possibilita ir além da visão de mundo ocidental

e eurocêntrica, que considera como arte e cultura apenas o patrimônio material e imaterial produzido e edificado pelo contexto colonial, centrado no Estado-nação, em que é desconsiderada a diversidade cultural e social de experiências que abarcam saberes, práticas e ideias de outros povos (FAGUNDES; FARIAS, 2011).

A dinamicidade da/o arte/artesanato dos povos indígenas envolve seus territórios marcados pelo sentido de pertença e de composição do ser. Nesse contexto, a arte não se constitui como uma especialização, e não há uma desconexão entre seu fazer e as preocupações de vida do grupo (LAGROU, 2010). A partir dela, estabelecem-se resistências que se opõem ao ideário homogeneizador do etnocentrismo. Conforme Els Lagrou (2010, p. 19), as artes indígenas envolvem processos “de construção de mundos”, onde observamos nos artefatos produzidos, uma concreta relação com o território. Assim, a/o arte/artesanato Kaingang está engendradora/engendrado nos processos de coexistir coletivamente desse povo. Ela não só tem valor estético, conforme lhe atribui a sociedade ocidental, mas tem sentido cosmo-ontológico.

Conforme Sérgio Baptista da Silva (2013, p. 48), as “manifestações estéticas” da/do arte/artesanato indígena são sistemas de explicação da sociedade sobre “si própria e o mundo que a rodeia”. Cleméntine Maréchal (2015, p. 61) refere que, para os Kaingang, o artesanato é decorrente de uma relação, na qual ocorrem “trocas de sementes, ervas e cipós entre parentes, que resultam dos encontros, é algo muito comum entre os kanhgãg, é necessário para a potencialização de corpos saudáveis e fortes”.

Lucia Velthen (2012, p. 402), em contexto de pesquisa que aborda a cultura material do sistema agrícola, com ênfase nos artefatos para o processamento da mandioca brava, empregados pelos Baré das comunidades do médio rio Negro, aponta que “um objeto produzido em uma aldeia indígena deriva de atos tecnológicos de fabricação”. É desse modo que também pode ser compreendido o processo de criação do artesanato pelas mulheres Kaingang, quando realizam a coleta, o corte, o destalar<sup>5</sup>, a pintura e a confecção a partir da *vãn*. Isso requer conhecimento que, também, vai compondo as pessoas. A confecção do artesanato é um espaço de transmissão de saberes Kaingang feito pelas/os mais velhas/os para as/os mais jovens. A figura 2 mostra mulheres Kaingang destalando a *vãn*.

---

<sup>5</sup> Destalar ou estalar a *vãn* é desfolhar para abstrair as tiras e formar os cestos.

Figura 2 – Destalando a vãn para a criação de cestos, fruteiras, peneiras e balaios e tuíás



Fonte: Arquivo da primeira autora (2019).

O Edital 15/2020, nos termos da Lei Aldir Blanc, dispôs sobre o Chamamento Público para premiação de artistas que contribuíram com o desenvolvimento artístico ou cultural de Chopinzinho/PR, incluindo-se as comunidades indígenas do município e que tiveram comprometimento de renda advinda do artesanato devido a pandemia do Covid-19, quando ambas as etnias foram selecionadas com suas propostas. O edital pode ser encontrado no site da prefeitura municipal através do link: <http://www.chopinzinho.pr.gov.br/portal/licitacoes/1611595843.pdf>.

Isso implica reconhecer que a transmissão do conhecimento é fundamental neste processo de (r)existência, em que a produção do corpo da pessoa ocorre através da participação nas atividades de interação com seu coletivo, pelas práticas de compartilhamento de “valores, saberes e identidades coletivas” (TASSINARI, 2015, p. 169). Sobre esse aspecto, Damiana Bregalda Jaenisch aponta que,

Os objetos e imagens que os Kaingang passaram a acionar mobilizavam noções diversas acerca da constituição do cosmo, da pessoa e das possibilidades

de comunicação entre os seres. A partir disso, o trabalho alarga seu foco, buscando dar conta de ver os objetos de arte kaingang enquanto formas materializadas de relações entre humanos e não humanos que habitam o cosmos deste coletivo, enfatizando os atributos de intencionalidade e agência destes objetos sobre os Kaingang, especialmente sobre seus corpos e sua contribuição na constituição da pessoa. (JAENISCH, 2010, p. 29).

As vendas do artesanato ocorrem associadas com a comercialização e com a troca de alimentos e plantas colhidas na TI, como o pinhão (colhido nas araucárias) e o chá de marcela<sup>6</sup>. Com relação ao pinhão, o Cacique João Santos Luiz Carneiro contou sobre a *guerra* que tiveram que fazer para *defender um pedaço de mato* de araucária, onde há uma fonte de água e sobre a qual avança o desmatamento e o cultivo de soja. Falou também de como o clima aqueceu em consequência das monoculturas e como isso provocou a diminuição do pinhão na TI de Mangueirinha. Além disso, salientou que o replantio das araucárias é bem difícil pela quantidade de formigas que não permitem a propagação dessas árvores. Nessa ocasião, Dona Romacilda Carneiro - Cida como gosta de ser chamada, expressa: “*Nós já tivemos a maior área de araucária e não podemos mais nos orgulhar disso*” (Romacilda Carneiro, 2020).

Essas falas apontam para alguns dos efeitos das mudanças socioambientais que ali ocorrem e para o reconhecimento que os Kaingang têm pela mata, que é o lugar de relação, de busca de alimentos, de remédios e de onde retiram suas *vãns* para o artesanato. Assim, há as *vãns* e as araucárias de um lado e o desmatamento e o avanço das monoculturas de soja, de outro – nesse confronto operam cosmologias distintas.

Nas palavras de Delair Barbosa, quando questionada sobre as mudanças que observa desde o período em que aprendeu a fazer artesanato (com oito anos de idade) até a atualidade, afirma que:

*Existiam mais pessoas fazendo artesanato. Atualmente, por causa do trabalho assalariado e da perda da cultura, diminui o número de indígenas fazendo e vivendo só do artesanato. Eu mesma já trabalhei em frigorífico e*

<sup>6</sup> A macela ou marcela (*Achyrocline satureioides*) é uma erva da flora brasileira, também conhecida por *macela-do-campo*, *macelinha*, *macela de travesseiro*, *carrapichinho-de-agulha*, *camomila nacional* etc. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Achyrocline\\_satureioides](https://pt.wikipedia.org/wiki/Achyrocline_satureioides). Acesso em: 9 abr. 2020.

*hoje não consigo nem buscar as taquaras porque este trabalho me prejudicou.* (Delair Barbosa, 2018).

Essa fala, associada com aquela que consta no início desta seção, nos leva a pensar sobre o motivo de, hoje, as mulheres estarem muito mais envolvidas na confecção do artesanato, e os homens, bem menos. Observamos que os homens acabam trabalhando mais nas atividades industriais da região, com trabalho assalariado, enquanto que as mulheres estão mais envolvidas com o trabalho nas suas comunidades e com os seus *parentes*.

No destalar e entrelaçar das *vãns* e dos *Jykre* (cipós), são ouvidas as vozes Kaingang enquanto uma episteme, carregadas de significados e conhecimentos, através dos grafismos repletos de ancestralidade (OLIVEIRA, 1996). Esses saberes são transmitidos pela oralidade e transcritos pelas mãos que tecem. Assim, a pessoa Kaingang pode ser compreendida como “habilitada a tecer determinadas relações para além de fibras de cipós e modelagem de argila, mas com territórios e seres não humanos com quem cotidianamente convivem” (JAENISCH, 2010, p. 156).

As formas de comunicação, que estão impressas nos grafismos dos artesanatos, são marcadas pelo dualismo Kaingang das metades *Kamé* e *Kainru*, que se encontram nos rituais, nas pinturas corporais, no sistema linguístico, em espaços e em posições que compõem a sua cosmologia. Conforme Sérgio Baptista da Silva (2001), os grafismos *Kong-gãr* constituem as marcas *ra* (redondo) ou *ror* (fechado) ou *téi* (compridos/abertos), que identificam as metades *Kamé* e *Kainru-Kré*. Essas definições são fundamentais, “[...] uma vez que a cada uma delas está amalgamado um conjunto de outras palavras-noções que, junto com o *téi* e *ror* formam estas duas categorias contrastantes, opositoras e complementares” (BAPTISTA DA SILVA, 2001, p. 173). Os grafismos e a dualidade cosmológica, além de atribuírem lugar e pertencimentos aos corpos e objetos, que anseiam por estar e se localizar em um espaço, também concedem sentido à existência através da relação com as patrimetades<sup>7</sup>, indicando, dentre outras conexões, a condição matrimonial da pessoa Kaingang (JAENISCH, 2010).

<sup>7</sup> A metade clânica é herdada do pai Kaingang pelas/os filhas/os. “A família, compreendida enquanto uma família extensa é o modelo ideológico da sociabilidade kaingang. Ela está centrada no poder paterno, cujo pertencimento do homem às marcas *kamë* ou *kajru* é herdado por seus filhos e filhas” (JAENISCH, 2011, p. 50).

Ao abordar os grafismos dos objetos, Damiana Jaenisch (2010) relata que são as mulheres, geralmente, quem os produzem, englobando a marca trazida pelo marido, e a sua marca estaria no centro. Esses elementos permitem compreender que a marca do homem/pai não exclui a metade a que pertence a mulher/mãe. Dessa forma, “tanto na produção de pessoas quanto de objetos, a marca da mulher casada se faz presente” (JAENISCH, 2010, p. 89), marcas de beleza e perfeição expressas nas formas geométricas dos trançados e a combinação das cores usadas para tingir.

Confeccionar o artesanato remete às memórias da infância, como para Antoninha Eufrazio Forte Nascimento, para quem esse saber-fazer reporta ao tempo em que vivia com sua mãe e seus irmãos. Foi a mãe que ensinou a fazer o artesanato. A comercialização ocorria em períodos festivos ocidentais, como o Natal e a Páscoa, que “potencializam a mobilidade das pessoas Kaingang pelos espaços” das cidades e, assim, “visibilizam a inserção destes objetos em diferentes mundos, interferindo em suas trajetórias” (JAENISCH, 2010, p. 58). Philippe Descola (2016, p. 9) pontua que para compreender e descrever como cada território e seu coletivo compreende o que é natureza e o que é cultura, “é necessário ir ao encontro das pessoas e observar seus costumes, suas formas de fazer e dizer”. Em vista disso, é necessário entender que o saber-fazer desses “[...] objetos de arte recebem o estatuto semelhante ao de pessoa, pois são providos de intencionalidades e contribuem para a constituição de pessoas humanas” (JAENISCH, 2010, p. 26). Na figura 3, uma mulher adulta e uma criança – para quem o saber-fazer é ensinado – estão trançando seus cestos ao mesmo tempo em que se constituem como pessoas Kaingang.

Figura 3 – Mãos que tecem o saber desde a infância



Fonte: Arquivo da primeira autora (2019).

A confecção do artesanato, desde a coleta na mata dos materiais até a comercialização ou a troca, constrói os corpos e as relações dos Kaingang com os extra-humanos. É um ato de “[...] predação de propriedades imateriais ao se estabelecer relações com alteridades não humanas, visando à proteção, fortalecimento, composição e fabricação dos corpos Kaingang” (BAPTISTA DA SILVA, 2014, p. 76). No destalar da *vãn*, quando aprendem e ensinam este saber-fazer ou quando angariam espaços de existência de seus corpos e dos objetos produzidos, estão estabelecendo relações de alteridade e se constituindo enquanto pessoas.

Como assinalam Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014, p. 158-159), frente aos efeitos catastróficos do capitalismo e seu “progresso”, o “devenir indígena”, com suas tecnologias e “agenciamentos sincréticos de alta intensidade” pode nos ensinar melhores formas de cuidar do espaço coletivo. Nesse sentido, os objetos de arte/artesanato Kaingang agenciam relações cotidianas, movem-se e se mobilizam cosmologicamente.

#### **4 MULHERES KAINGANG E SUAS (R)EXISTÊNCIAS**

O conhecimento das mulheres Kaingang sobre a floresta é um conhecimento cinético, ligado ao modo de se mover, comunicando por suas vistas, sons e cheiros. Assim como Anna Tsing (2019) observou entre os coletores de cogumelos

matsutake, o coletar a *vãn* revela sensibilidades culturalmente ricas para a compreensão da vida da mata e dos seres que a habitam. É, portanto, uma forma de conhecimento em que as *vãns* e os demais entes da floresta não são concebidos como objetos, mas como sujeitos de interação, em que as mulheres estão atentas a essas linhas de vida.

A TI de Mangueirinha é cortada pela rodovia e à beira dessa estrada as mulheres Kaingang vendem seu artesanato. De acordo com Antoninha Eufrasio Forte Nascimento:

*Prefiro trabalhar com artesanato, trabalho para mim mesma, é minha empresa. Meu marido já falou para irmos trabalhar na cidade, ele é índio misturado, eu falei para ele que não devemos enriquecer os donos de empresas. Hoje eu vendo dois balaios, amanhã nenhum, mas depois vendo mais dois ou três e fico com meu povo e minha família. (Antoninha Eufrasio Forte Nascimento, 2018).*

A partir dessa fala, ela expressa os processos de resistência do povo Kaingang e, fundamentalmente, das mulheres. Outra narrativa que enfatiza esses aspectos é a de Romacilda Carneiro, que nos contou que se sente fora de sua verdadeira vida, porque hoje não consegue fazer o artesanato e cuidar de sua horta em razão de suas atribuições de liderança e que isso a deixa *doente*, e que para ficar bem, precisa voltar a sua vida *normal*. Ela relata as muitas atividades que exerce enquanto liderança e evidencia as reivindicações do coletivo Kaingang pelo reconhecimento de seus saberes ancestrais, de seus modos de vida, e a luta pela terra/território.

Para as mulheres Kaingang, o artesanato é um meio de (r)existência, por meio da relação com a mata e com os extra-humanos. No território, onde esta etnografia foi realizada, mesmo que a *vãn* ainda seja mais abundante que em outras regiões do Paraná, essas mulheres tem observado e denunciado os riscos do desmatamento dessas plantas que são fundamentais para manutenção de seu saber-fazer. Antoninha Eufrasio Forte Nascimento expressa essa preocupação do seguinte modo: *“O material está escasso por causa do desmatamento. Os próprios índios deveriam preservar a natureza que foi dada para cuidarem e alguns estão copiando o branco”* (Antoninha Eufrasio Forte Nascimento, 2018).

Romacilda Carneiro conta que os *parentes* de outras regiões, como do Norte do Paraná, onde a *vãn* é muito escassa, buscaram-na em Mangueirinha. Além do desmatamento, as mulheres Kaingang denunciam o controle de administrações

públicas municipais da região, que impedem que elas ocupem os espaços urbanos para venda do artesanato. Elas encaminharam, com o auxílio da coordenação do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Chopinzinho<sup>8</sup>, uma denúncia formal ao Ministério Público Federal (MPF). No documento elaborado constava a reivindicação pela permissão da circulação das(os) artesãs(os), juntamente com suas(seus) filhas(os), no espaço urbano. Na construção coletiva desse documento, elas salientaram que a sua produção não é *lixo*, denunciando as falas de funcionários públicos que haviam dito que os indígenas deixam lixo na cidade. As(os) artesãs(os) solicitavam, além do espaço da feira oferecido pela administração pública de um município, de poderem transitar pela cidade e, ainda, requisitaram uma reunião com a presença do prefeito do município denunciado. Até o presente momento não houve desdobramentos desse encaminhamento em razão da pandemia Covid-19.

Percebe-se que as demandas elencadas pelas mulheres artesãs e a produção do documento ao MPF se constituem como uma das formas de luta Kaingang. Como pontua Angelica Ninhpryg (2016, p. 34), “[...] as dinâmicas, as reivindicações e as ressignificações, sempre por meio da resistência”, vêm abrangendo territórios para além daqueles demarcados.

As mulheres Kaingang enunciam outras maneiras que a política pode ser feita, sendo múltiplas as suas formas de luta pela terra/território. Estas podem ser visualizadas pela busca de material para o artesanato em outros lugares que não somente a comunidade local e, também, pela comercialização em espaços públicos das cidades. Essas relações demonstram que, para os Kaingang, os territórios de vida se distinguem dos ocidentais – que se pautam na propriedade privada da terra.

As lutas também estão permeadas pela união dessas mulheres para o controle da queimada que ocorreu no taquaral. No período de estiagem, tiveram

---

<sup>8</sup> O território indígena de Mangueirinha que está “sob jurisdição da Coordenação Regional (CR Interior Sul), com sede em Chapecó, SC, e da Coordenação Técnica Local (CTL Laranjeiras do Sul), ambas da Funai”, conta com seis comunidades: Passo Liso, Mato Branco, Paiol Queimado, Água Santa, Palmeirinha do Iguazu e Aldeia Sede. Espaços geográficos assim denominados, onde se encontram as escolas, os postos de saúde, as igrejas, o posto da Funai (ROSA; FREITAS, 2019, p. 21). As mulheres Kaingang, que são as interlocutoras desta pesquisa, habitam a comunidade indígena Passo Liso, no município de Chopinzinho, desmembrado do município de Mangueirinha.

diferentes picos de incêndio na região, sendo um desses em uma plantação de *vãns*, quando elas se uniram para combater o fogo e chamaram a comunidade para apoiá-las. Entendemos que a sua luta é contra o modelo único de mundo fomentado pela lógica ocidental e moderna, afirmando a existência de muitos mundos. Por outro lado, ocorre a criminalização e a perseguição de seus saberes e de seus conhecimentos enquanto forma de controle sobre seus corpos. Elas resistem e (r)existem a essas políticas homogeneizadoras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres Kaingang, através de suas mãos, tecem a arte e o conhecimento que ecoam (r)existências. Seus saberes são referências das epistemes indígenas. Elas resistem ao intento modernizador de sobreposição hierárquica e à concepção homogeneizante de unificar o país. Sua história habita na diversidade, na diferença que reside no pressuposto ameríndio que é seu “princípio filosófico e estético” (FAGUNDES; FARIAS, 2011, p. 6).

Neste diálogo com as mulheres indígenas Kaingang, buscamos ouvir suas vozes e compreender suas relações cosmo-ontológicas com humanos e extra-humanos. O artesanato é constitutivo do modo de viver e construir-se Kaingang, é uma ciência inscrita nos grafismos e na oralidade.

A análise sobre essas dinâmicas pode permitir pensar mudanças nas relações hierarquizantes que classificaram os conhecimentos e os modos de vida indígenas como menos importantes que aqueles dos coletivos descendentes de europeus que ocuparam a região. As interlocutoras Kaingang, demonstram a dinamicidade desse saber-fazer e agenciam, também, a interconexão de saberes acadêmicos e indígenas.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cosmo-ontologia e xamanismo entre coletivos Kaingang. *In*: FLECK, Eliane Cristina Deckmann (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: manifestações da religiosidade indígena*. São Paulo: ANPUH, 2014. p. 69-96.

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cosmo-ontológica Mbya-Guarani: discutindo o estatuto de “objetos” e “recursos naturais”. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 42-54, 2013.

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cosmologias e ontologias ameríndias do sul do Brasil. Algumas reflexões sobre o papel das ciências sociais face ao Estado. *Revista Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 182-92, 2011.

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê Meridionais*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2001.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por Vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie / Instituto socioambiental, 2014.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Ed. 34, 2016.

ESCOBAR, Arturo. Territórios de diferença: a ontologia política dos direitos do território. *Climacom Cultura Científica – Pesquisa, Jornalismo e Arte*, [s.l.], v. 2, p. 1-19, 2017.

FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas; FARIAS, João Mauricio (Org.). *Objetos-Sujeitos: a arte Kaingang como materialização de relações*. Porto Alegre: FUNAI / Ed. Deriva, 2011.

FREITAS, Ana Elisa de Castro; HARDES, Eduardo. O ofício antropológico (re)visitado: O encontro etnográfico frente às experiências colaborativas. In: RAMOS, José Luis R.; MARTÍNEZ, Janeth M. (Coord.). *Enseñar y aprender a investigar – experiencias variadas em América*. Ciudad de México: Eumed.net, 2018. p. 44-62.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. *Garra de jaguar, botão de camisa, cartucho de bala: um olhar sobre arte, poder, prestígio e xamanismo na cultura material Kaingang*. *Mediações*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 62-83, 2014.

FREITAS, Ana Elisa de Castro. *Mrūr Jykre – a cultura do cipó: territorialidades Kaingang na margem leste do Lago Guaíba*, Porto Alegre, RS. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

JAENISCH, Damiana Bregalda. *Objetos-Sujeitos: a arte Kaingang como materialização de relações*. In: FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas; FARIAS, João Maurício (Org.). *Objetos-Sujeitos: a arte Kaingang como materialização de relações*. Porto Alegre: FUNAI/CR / Ed. Deriva; Passo Fundo/CTL, 2011. p. 41-55.

JAENISCH, Damiana Bregalda. *A arte Kaingang da produção de objetos, corpos e pessoas* – imagens de relações nos territórios das Bacias do Lago Guaíba e Rio dos Sinos. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAGROU, Els. *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. Proa - Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-26, 2010.

MARÉCHAL, Cleméntine Ismarie. *Eu luto desde que me conheço por gente. Territorialidades e cosmopolítica Kanhgág enfrentando o poder colonial no sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NINHPRYG, Angelica Domingos. *O bem viver Kaingang: perspectivas de um modo de vida para construção de políticas sociais com os coletivos indígenas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 12-37, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHOPINZINHO. *Edital de Chamamento 15/2020*. Chopinzinho, 2020. Disponível em: <http://www.chopinzinho.pr.gov.br/portal/licitacoes/1611595843.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

ROSA, Claudia Maria Mello; FREITAS, Joberto Veloso (Coord.). *Inventário Florestal Nacional: principais resultados* – Terra Indígena Mangueirinha. Serviço Florestal Brasileiro. Brasília-DF: MAPA, 2019.

ROSA, Douglas Jacinto; FREITAS, Ana Elisa de Castro. *O “Bem Viver” Kaingang e seus desafios. O exercício do direito de petição e sua aplicação no processo de reconhecimento territorial*. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro (Org.). *Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil*. Povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Territorial/Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: E-papers, 2015. p. 251-72.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves. *O xamanismo Kaingang, o poder e a floresta: uma análise da relação do Kujà (xamãs) com seus jagrê e santos do panteão do catolicismo popular*. In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann (Org.). *Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: manifestações da religiosidade indígena*. São Paulo: ANPUH, 2014. p. 97-128.

TASSINARI, Antonella. Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultores através da participação nas atividades produtivas familiares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 44, p. 141-72, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas*: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. Cestos, peneiras e outras coisas: a expressão material do sistema agrícola no Rio Negro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55 n. 1, p. 401-38, 2012.

VERGUEIRO, Davi; MELLO, Roseli Loureiro de; PIRES, Márcio de Oliveira. Impacto do cultivo da soja transgênica nas Terras Indígenas/Tis da região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro (Org.). *Intelectuais Indígenas e a Construção da universidade Pluriétnica no Brasil* – povos indígenas e os Novos Contornos do Programa de Educação Territorial/Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: E-papers, p. 237-50, 2015.

### **Sobre as autoras:**

**Eliana Piaia:** Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Direito e Políticas Públicas e Graduada em Serviço Social pela Fundação de Ensino Superior de Manguieirinha (FESMAN). Realiza Perícia Socioeconômica para Justiça Federal. **E-mail:** piaiaeliana@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1699-038X>

**Joseane Carine Wedig:** Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Realizou doutorado-sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris. Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas. Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Humanas e do Mestrado em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Líder do Grupo de Pesquisa: Gênero, Juventude e Cartografias da Diferença (PPGDR / UTFPR). **E-mail:** josiwedig@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-4569-6956>

Recebido em: 25/01/2021

Aprovado para publicação em: 24/05/2021

